



O MUNDO CRIATIVO DOS 'LIVROS-OBJETO' DE RICHARD TOWERS

NATACHA CUNHA

A propósito do Dia Mundial do Livro, celebrado a 23 de abril, o Expresso de Fafe foi conhecer o trabalho de Richard Towers, pseudónimo literário de Martinho Torres, criador do conceito de livro-objeto. O autor levou-nos numa viagem pelas suas obras, revelando a sua vontade em romper com a forma tradicional de literatura, reinventando o livro com a sua originalidade.

Expresso de Fafe: Como surgiu o conceito de livro-objeto?

Richard Towers: É um conceito tão inovador que é único no mundo. Estive mais de 20 anos ligado à música e houve uma altura em que tive a ideia de lançar um projeto de 'rock opera' e para isso escrevi um argumento para desenvolver em palco. Acabei com um livro de 700 páginas, uma coisa monstruosa, com 22 capítulos e 22 temas musicais, numa dupla faceta livro-cd. Tentei publicá-lo, mas comercialmente era inviável. Desisti daquele projeto em particular, mas senti que tinha de continuar. A paixão que surgiu pela escrita foi arrebatadora.

EF: Paixão a que se dedicou, reinventando a forma de fazer literatura...

RT: Eu não queria escrever apenas um livro, queria mais. Se eu podia ter um livro-cd que me contasse uma história para além da história escrita, porque não fazer com que um objeto me desse a temática para um livro? O primeiro foi um livro-relógio, com o título 'Tempo'. É um misto de romance, conto e ensaio literário, em que discorro sobre o tempo. O segundo foi um livro-espeelho, que tem muita reflexão à volta da psicologia, do eu, da forma como nos vemos, sempre a título romancado. Depois publiquei o livro-xadrez 'O Desafio', que é o que tem mais edições.

EF: O que tem o livro-xadrez para ser um sucesso?

RT: Tem uma estética única, porque é um livro tabuleiro, que permite jogar xadrez sobre ele e traz as peças em madeira. A história gira à volta de um jogador de xadrez imbatível, que encontra um adversário misterioso também ele imbatível, com quem vai travar um duelo, mas sem nunca o conhecer. Tem muito suspense, que os jovens adoram. A seguir lancei o 'Poortugal', um livro-mapa com um título curioso que conjuga 'poor' (pobre), com Portugal, no fundo 'pobre país'. São 17 crónicas, cada uma centrada numa personagem, que retrata desde o desempregado, à beata de igreja, presidente de Junta, empreiteiro, emigrante, lambe-botas... São conjugações explosivas, numa sátira aos portugueses. Somos o



único país do mundo com este formato retangular, que nos permite criar um livro com este recorte, que no fim inclui um pequeno mapa desdobrável.

EF: Procura sempre explorar a simbologia?

RT: Sim. O 'Caixão Prateado' é um livro com o formato de um caixão, que dentro tem uma caneta, que para mim é símbolo de libertação e que aqui adquire o formato da foice da morte. O livro é um exercício literário muito complexo, porque é todo um diálogo, mas no fim apercebemo-nos que não entre duas pessoas, mas com uma voz dentro da cabeça. Há uma simbologia muito grande à volta do número 7, porque a personagem vai cumprir sete sinais que a vão levar a um desfecho. Depois surgiu o 'Tarasutra', um livro-coração a duas vezes, que é a correspondência entre duas pessoas, tendo a carta como símbolo máximo do amor. Julgo que é a primeira vez que se escreve uma obra assim e a ideia é ser lida por duas pessoas, em simultâneo, que vão trocando os livros que se completam e caminham para uma certa linguagem, que o torna para maiores de 18 anos.

EF: O caminho traçado levou-o aos livros para crianças. É a melhor forma de conjugar as suas vertentes de escritor, músico e professor?

RT: É assim que me sinto plenamente realizado. 'A Sinfonia do Tempo' é um livro para crianças, que faz parte da linhagem livros-objeto, com a dupla funcionalidade de pendurá-lo como relógio. Saiu em 2016 e é uma obra muito musical, a primeira de uma série de histórias chamada 'As Aventuras de Gururock e a sua Banda', em que também sou ilustrador. Remete para o lado lúdico, mas também pedagógico, com um convidado especial em cada obra. O Gururock é o mentor da banda, o guitarrista que no início do livro faz um solo e abre um buraco na parede que o leva até 1880, onde conhece Beethoven. Nas apresentações do livro, que promovo pelas



escolas, levo guitarra elétrica, colunas de som, microfone, monto o cenário todo e dou um concerto.

EF: Transforma-se no próprio Gururock?

RT: Sou ele mesmo. Encarno a personagem e levo os miúdos numa viagem louca pelo tempo, com uma série de efeitos na guitarra. Há várias leituras durante o espetáculo, toco o Hino da Alegria e no final cantamos todos a música do Gururock, que é um tema título que criei. É uma autêntica festa. É esse o segredo para as coisas correrem tão bem. Não sou tradicional, tento sair da regra para eles sentirem que o autor pode ser mágico e a leitura um prazer.

EF: O que podemos esperar da continuação desta série?

RT: A minha segunda personagem vai ser o Einstein, num livro-xadrez. É lúdico, pedagógico, didático e gira à volta da Teoria da Relatividade. O lançamento está previsto para dezembro, através da minha editora Neoma Produções. A música vai estar sempre presente, até porque os personagens formam uma banda. Vou voltar às terras de Fafe, onde morava até há três anos ter ido para Lisboa testar este projeto, e a partir de outubro começar a trabalhar no norte de forma consistente.

B2M

Envio Grátis,
Telm: 926958027



Abraçadeiras
Metálicas desde 0,25€



Jogo de fresas para
câmaras de injetores 98€



Jogo 7 Alicates 125€



Estrado Mecânico 79€